

Pais contra a exoneração

Os pais de alunos da Escola-Classe da 304 Norte também entraram na briga pela volta dos 19 diretores afastados por participarem da greve dos professores. Inconformados, eles garantem que o respeito à comunidade foi ferido no momento em que ocorreu a intervenção e pretendem, ainda esta semana, pedir uma audiência ao governador Guy de Almeida.

Conforme a socióloga Elizabeth Barros, que participa da comissão de articulação, o movimento está se fortalecendo pois conta com o apoio da Associação dos Moradores da Asa Norte. Outros grupos de pais estão sendo contatados e um abaixo-assinado, que será levado ao governador, pretende expressar a amplitude da reivindicação.

"Trata-se de uma briga por princípios uma vez que a atitude do GDF é contraditória", disse Elizabeth. Lembrou que na época das eleições, em novembro de 1985, o secretário de Educação, Fábio Bruno, avaliava todos os diretores eleitos e citou textualmente uma parte de seu discurso: "A vitória de um candidato será plena se for a vitória de toda a comunidade.

Respeitar este valor é uma atitude política maior e uma exigência da educação".

No caso específico da Escola-Classe da 304 Norte, os pais exigem o retorno da diretora Maria Elizabeth Monteiro de Castro e Silva, substituída por Débora Antunes de Oliveira. A ex-diretora estava correspondendo à expectativa dos pais, segundo a socióloga, enquanto a interventora já deu mostras de inabilidade e autoritarismo. Na terça-feira, quando os alunos revoltados com a mudança não aceitaram entrar nas salas de aula "ela fez ameaças e não soube trabalhar com os estudantes".

Mas não foi esta dificuldade inicial em dialogar com a nova diretora o motivo da mobilização dos pais pela volta da "tia Beth". Os pais da 304 Norte já estiveram com o diretor da FEDF, José Quintas, na segunda-feira, e este disse que tudo dependeria do governador. Eles estão batalhando pelo retorno da ex-diretora porque ela correspondia à confiança depositada, assim como todos os outros que foram escolhidos pela comunidade. "Não se trata de uma questão pessoal", concluiu a socióloga.